



## **PENSAR GRAMSCI NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO**

Jefferson Silva do Rego<sup>1</sup>  
Jéssica França Dias<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Em sua obra, Gramsci afirmou que a educação dos seres humanos necessita ser perpassada por diversas dimensões. Sei conceito de educação unitária consistiria em um processo educacional que consegue englobar os fatores constituintes do indivíduo: o componente social, intelectual, cultural e afetivo. Nesse sentido, a educação unitária consistiria em uma educação mais rica, porque mais humanizada, mais diversificada, mais criativa e, por conseguinte, emancipadora. No entanto, é preciso dizer que as contribuições de Gramsci podem ser úteis no contexto do Brasil contemporâneo, em que se faz preciso construir uma educação emancipadora dentro de uma sociedade velha e opressora, porque dividida em classes sociais. A dizer, acreditamos que as reflexões político-pedagógicas de Antônio Gramsci, não obstante a distância no tempo e no espaço, ainda fazem muito sentido para o Brasil do século XXI, porque, embora tenham servido à finalidade específica de consolidar o socialismo na Itália da primeira metade do século XX, elas servem na verdade a qualquer tempo e lugar carentes de justiça social.

**Palavras-chave:** Gramsci, Escola unitária, Formação Omnilateral.

### **INTRODUÇÃO**

Na obra *Os intelectuais e a organização da cultura* (1988), Gramsci discorre sobre a escola unitária, afirmando que a formação dos indivíduos precisa ser permeada por diversas dimensões. Nesse sentido, a educação unitária consistiria em uma educação mais rica, porque mais humanizada, mais diversificada, mais criativa e, por conseguinte, emancipadora.

No entanto, levando-se em conta o contexto do Brasil contemporâneo, como seria possível construir uma educação emancipadora dentro de uma sociedade velha e opressora, porque dividida em classes sociais? De fato, trata-se de um grande desafio.

Diante desse desafio, acreditamos que as reflexões político-pedagógicas de Antônio Gramsci, não obstante a distância no tempo e no espaço, ainda fazem muito sentido para nós, brasileiros do século XXI, porque “O profundo amor que Gramsci tem pela igualdade rejeita qualquer rebaixamento cultural e escolar com vistas a proteger ou

---

<sup>1</sup> (IFG - Campus Formosa) – [entrecais@gmail.com](mailto:entrecais@gmail.com)

<sup>2</sup> (Secretaria Municipal de Educação de Aparecida de Goiânia-GO) – [jetonts@gmail.com](mailto:jetonts@gmail.com)



assistir os pobres: estes precisam apenas da igualdade de condição para estudar” (NOSELLA, 2010, p.47).

## **METODOLOGIA**

O presente estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica entendida conforme Gil (2006: 45). Desse modo, serviram de base para o estudo as seguintes obras de Gramsci: *Cartas do cárcere* (1978), *Cadernos do cárcere* (1975) e *Os intelectuais e a organização da Cultura* (1988). Além disso, usamos as seguintes obras de estudiosos da obra do filósofo siciliano: *Antonio Gramsci* (2010.), de Attilio Monasta e *A escola de Gramsci* (2010), de Paolo Nosella.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para se entender como um autor pensou suas teorias e buscou modificar a realidade na qual estava inserido, é necessário, antes de tudo, conhecer minimamente qual era essa realidade e ainda como o autor era parte integrante dela. Antonio Gramsci (1891 - 1937) nasceu na Sardenha, uma das regiões mais pobres da Itália e que sempre apresentou uma forte identidade cultural. A Sardenha tem seu próprio idioma, sua história e cultura, que se diferenciam consideravelmente dos “piemonteses” (habitantes da região setentrional da Itália, do Piemonte, cuja capital é Turim), que administraram o reino de Sardenha. Gramsci foi estudar na Universidade de Turim, porém precisou abandonar os estudos por falta de recursos e por graves problemas de saúde. Naquela época, Turim era o centro da industrialização italiana e o lugar da primeira organização da classe operária da Itália.

Gramsci começou sua aprendizagem político-pedagógica durante a Primeira Guerra Mundial, como jornalista e crítico de teatro. Nas tardes, costumava assistir às reuniões da organização sindical Confederação Geral do Trabalho e do Partido Socialista. Depois da Guerra, profundamente identificado com o Turim “vermelho” socialista, criou dois periódicos, *Ordine Nuovo* e *Unità*, com o objetivo explícito de educar a nova classe operária criada pela indústria e pela guerra.

O tema prevalente de *Ordine Nuovo* era a relação entre a “organização científica do trabalho” (taylorismo e fordismo) e a organização científica da educação. Sem dúvida, essa relação, na qual muitos atualmente identificam o início das ciências educativas, não representava para Gramsci um simples exercício intelectual. Poucos



anos antes da guerra, a investigação científica sobre o tema da educação da Itália havia ficado totalmente secundarizada e até rejeitada pelos filósofos idealistas dominantes, Benedetto Croce e Giovanni Gentile, que consideravam esse campo de estudo um ramo da filosofia, da ética ou mesmo da religião. Em 1923, Gentile, primeiro-secretário de Estado, do novo governo fascista, reformou completamente o sistema escolar italiano. Acentuou a separação ideológica entre a formação técnica e profissional (para o trabalho) e a formação cultural e científica para o desenvolvimento “espiritual” da humanidade e, naturalmente, para a direção política do país (GRAMSCI, 1978).

Sobre esse tema, a análise de Gramsci era diferente. Sem cair na arrogância positivista de considerar que os problemas humanos podiam ser resolvidos somente pela ciência e tecnologia, nem tampouco na ilusão idealista da “independência” da vida intelectual e cultural em relação aos condicionantes econômicos e políticos, Gramsci considerava, ao contrário, que o vínculo entre a organização do trabalho e a cultura representava a nova “cultura profissional”. Representava a nova preparação técnica e profissional necessária para a mão de obra poder controlar e dirigir o desenvolvimento industrial e, da mesma forma, a nova sociedade que esse desenvolvimento, inevitavelmente, criava.

A partir de 1917, após uma das maiores guerras europeias, a Revolução Soviética concentrou, em todos os países, a atenção dos movimentos dos trabalhadores, deslocando o foco de atenção dos problemas internos. O Partido Socialista, assim como de muitos outros países, dividiu-se não somente entre “reformistas” e “comunistas”, mas também, entre “reformistas” e “nacionalistas”. Estes, mais tarde, constituíram a facção populista do partido fascista e, poucos anos depois, o regime nacional-socialista (nazista).

Já no ano de 1922, o regime fascista na Itália repudiou qualquer pretensão de encontrar soluções democráticas, quer para os problemas econômicos, quer para o progresso social, cultural e educativo das massas. Em novembro de 1926, o governo de Mussolini promulgou uma “legislação especial” que dissolvia o Parlamento italiano e todas as organizações de oposição, proibindo até mesmo suas publicações. Como consequência, houve aprisionamentos em massa e Antonio Gramsci também foi encarcerado. Gramsci tinha 35 anos, era um parlamentar e, desde 1924, ocupava o cargo de secretário geral do Partido Comunista Italiano. No seu julgamento, em 1928, o procurador-geral concluiu sua requisitória com a seguinte intimação ao juiz: “Devemos



impedir esse cérebro de funcionar durante vinte anos” (MONASTA, 2010, p.15).  
Todavia, o cérebro de Gramsci não deixou de funcionar no cárcere.

O regime fascista entendia claramente que a oposição mais perigosa viria, não da ação política no sentido tradicional (isto é, de uma organização), nem de uma oposição intelectual baseada somente em princípios, mas da associação da crítica com a ação de intelectuais e políticos. De fato, o cérebro de Gramsci não deixou de funcionar no cárcere, ao contrário, pouco depois de seu aprisionamento, começou a projetar uma série de estudos que se tornaram naquilo que é hoje considerada a análise mais importante e jamais realizada sobre “hegemonia”, isto é, sobre o nexos entre a política e a educação.

Em 9 de março de 1927, em uma carta dirigida à cunhada Tatiana, Gramsci se refere à sua ideia de escrever algo para sempre (fur ewig), algo que servisse para concentrar sua própria atenção, proporcionando “um foco à sua vida interior”. A primeira parte do projeto era uma história dos intelectuais italianos. Gramsci refere-se a estudos sobre a linguística, sobre o teatro de Pirandello e sobre folhetins, além de gostos literários populares. Mesmo que o plano de estudo pretendesse ser fur ewig, já que sua finalidade era o conhecimento como fim em si mesmo e, não algum objetivo político prático.

Nessa mesma carta, já se observava um fio condutor que une os diferentes temas. Gramsci define a história dos intelectuais como o processo de formação do espírito público. Escreve que os diferentes temas de seu projeto possuem em comum o “espírito popular criador”, isto é, a forma pela qual a hegemonia de um determinado grupo social aumenta, desde o núcleo inicial até sua organização política. De fato, em outra carta dirigida a Tatiana, em 15 de dezembro de 1930, diz: “o pensamento ‘desinteressado’ ou o estudo como fim em si mesmo para mim torna-se difícil (...) eu não gosto de atirar pedras na escuridão; prefiro ver um interlocutor ou um adversário concreto”, e continua falando sobre a “natureza polêmica” de toda sua formação intelectual.

Gramsci morreu em 1937, sem poder concluir sua obra. Seus 33 Cadernos do Cárcere foram salvos pela cunhada Tatiana, que os levou clandestinamente para fora da Itália. Ao conhecer um pouco sobre a biografia de Gramsci, é possível perceber que sua mente era produtiva e que ameaçava a ditadura vigente; de sorte que, mesmo tendo sido



preso, deixou um legado importante no âmbito da educação e da política, tanto por sua obra, quanto por seu exemplo de intelectual.

Quanto à obra de Gramsci, sabemos que ela é dividida entre escritos de juventude, cartas do cárcere e cadernos do cárcere. Nos 33 cadernos que formam os *Cadernos do cárcere* (1926-1935), estão as principais reflexões do autor a respeito de variados assuntos. A primeira publicação italiana dessa obra foi uma edição temática organizada em seis volumes que reúne notas sobre assuntos semelhantes, mas não respeitavam a ordem cronológica dos textos. A edição seguinte, chamada “crítica”, dividiu-se em quatro volumes que respeitavam a ordem cronológica das notas. A primeira edição brasileira segue a edição temática italiana e se divide em cinco volumes. Já a edição subsequente foi baseada na edição crítica italiana.

Em geral, pensar o processo educacional implica conhecer os problemas recorrentes nessa área, bem como propor ações que almejem solucionar tais problemas. Nessa seara, Gramsci consiste em um pensador muito bem conceituado, não apenas por seus escritos dedicados à educação, mas, sobretudo, pelo núcleo essencial de sua mensagem, posto que seus escritos são “educativos” em sentido amplo e profundo. A mensagem central de Gramsci é que a organização da cultura é “organicamente” ligada ao poder dominante. Os intelectuais não podem ser definidos pelo trabalho que fazem, mas pelo papel que desempenham na sociedade; essa função, de forma mais ou menos consciente, é sempre uma função de liderar técnica e politicamente um grupo, quer um grupo dominante, quer o grupo que aspire a uma posição de dominação. Nas palavras de Gramsci:

Pode-se observar que, em geral, na civilização moderna, todas as atividades práticas se tornaram tão complexas, e as ciências se mesclaram de tal modo à vida, que toda atividade prática tende a criar uma escola para os próprios dirigentes especialistas e, conseqüentemente, tende a criar um grupo de intelectuais especialistas de nível mais elevado, que ensinam nestas escolas. Assim, ao lado do tipo de escola que poderíamos chamar “humanista” (que é o tradicional mais antigo), destinado a desenvolver em cada indivíduo humano a cultura geral ainda indiferenciada, o poder fundamental de pensar e de saber se orientar na vida, foi-se criando paulatinamente todo um sistema de escolas particulares de diferente nível, para inteiros ramos profissionais ou para profissões já especializadas e indicadas mediante uma precisa individualização. (GRAMSCI, 1988, p.117)

Em seguida, Gramsci nos remete à crise que assola a educação. Crise que perpassa os mais variados trechos da história das sociedades. Para o comunista italiano, a crise escolar de seu tempo se relacionava precisamente ao fato de que este processo de



diferenciação e particularização ocorre de um modo caótico, sem princípios claros e precisos, sem um plano bem estudado e conscientemente fixado. Desse modo, a crise do programa e da organização escolar, isto é, da orientação geral de uma política de formação de modernos quadros intelectuais, é em grande parte um aspecto e uma complexificação da crise orgânica mais ampla e geral. Ou seja, existe a urgência no exercício de rever concepções e práticas político-pedagógicas para que a educação e a sociedade possam avançar. Porém, o que se nota na Itália do século XIX, é que as escolas ainda não tinham um norte, no sentido de proporcionar a todos a mesma educação para enfrentar a crise instituída pelo advento da industrialização, isso porque a escola era dividida e subjugada a interesses outros que não a formação do indivíduo:

A divisão fundamental da escola em clássica e profissional era um esquema racional: a escola profissional destinava-se às classes instrumentais, ao passo que a clássica destinava-se às classes dominantes e intelectuais. O desenvolvimento da base industrial, tanto na cidade como no campo, provocava uma crescente necessidade do novo tipo de intelectual urbano: desenvolveu-se ao lado da escola clássica, a escola técnica (profissional, mas não manual), o que colocou em discussão o próprio princípio da orientação geral, da orientação concreta de cultura geral, da orientação humanista da cultura geral fundada sobre a tradição Greco-romana. Esta orientação, uma vez posta em discussão, foi destruída, pode-se dizer, já que sua capacidade formativa era em grande parte baseada sobre o prestígio geral e tradicionalmente indiscutido de uma determinada forma de civilização. (GRAMSCI, 1988, p.118)

As escolas não poderiam ser mais desinteressadas, devido ao próprio processo de industrialização, que pedia uma nova forma de estudantes para lidar com a nova realidade, ou seja, um quadro mais especializado. Contudo, esse tipo de escola não seria capaz de dar conta do que a sociedade demandava:

A tendência, hoje, é a de abolir qualquer tipo de escola “desinteressada” (não imediatamente interessada) e “formativa”, ou conservar delas tão-somente um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em se preparar para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo. (GRAMSCI, 1988, p.118, grifo nosso).

Neste momento, nota-se que Gramsci já sinaliza o tipo de escola que julga ser mais conveniente para sua realidade, a dizer, uma escola que ofereça as mesmas



oportunidades para todas as pessoas e que busque contemplar uma formação humanista. Cumpre lembrar que, à época de Gramsci, a escola tinha um caráter discriminatório, por não permitir o acesso à cultura a toda população. Para o autor, a independência das massas viria através do acesso à cultura. Por esse motivo, ele não é a favor do ensino profissional apenas para as classes populares. Antes, ele defende uma escola que desse à população disciplina intelectual, formação cívica e consciência histórica, a fim de contribuir para uma educação mais integral possível dos educandos.

Gramsci chamou essa escola de escola unitária. Tal concepção se baseava no modelo pensado por Krupskaja (esposa de Lênin) para o sistema de ensino na União Soviética pós-revolução de 1917. Gramsci diz que um ponto importante quanto à organização prática dessa escola diz respeito à carreira escolar em seus vários níveis, de acordo com a idade e com o desenvolvimento intelectual-moral dos alunos. Dessa forma:

A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo “humanismo”, em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional) ou de cultura geral deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa. (GRAMSCI, 1988, p.121)

Ao começar apresentar as características da escola unitária, Gramsci advoga que o Estado deve ser o responsável pela criação e manutenção dessa escola. Desse modo, o que estava a cargo da família passa a ser dever deste Estado. No entanto, para que isso acontecesse, algumas mudanças se tornariam necessárias:

A escola unitária requer que o Estado possa assumir as despesas que hoje estão a cargo da família, no que toca à manutenção dos escolares, isto é, que seja completamente transformado o orçamento da educação nacional, ampliando-o de um modo imprevisto e tornando-o mais complexo: a inteira função de educação e formação das novas gerações torna-se ao invés de privada, pública, pois somente assim pode ela envolver todas as gerações, sem divisões de grupos ou castas. Mas esta transformação da atividade escolar requer uma ampliação imprevista da organização prática da escola, isto é, dos prédios, do material científico, do corpo docente etc. O corpo docente, particularmente, deveria ser aumentado, pois a eficiência da escola é muito maior e intensa quando a relação entre professor e aluno é menor, o que coloca outros problemas de solução difícil e demorada. Também a questão dos prédios não é simples, pois este tipo de escola deveria ser uma escola-colégio, com dormitórios, refeitórios, bibliotecas especializadas, salas aptas ao trabalho de seminário etc. (GRAMSCI, 1988, p.121-122)

Gramsci também afirma que as relações estabelecidas nas famílias, no interior da classe à qual pertencem, vão consolidando e facilitando os estudos no interior das escolas, mesmo a educação sendo obrigação do Estado:



Numa série de famílias, particularmente das camadas intelectuais, os jovens encontram na vida familiar uma preparação, um prolongamento e uma integração da vida escolar, absorvendo no “ar”, como se diz, uma grande quantidade de noções e de aptidões que facilitam a carreira escolar propriamente dita: eles já conhecem, e desenvolvem ainda mais, o conhecimento da língua literária, isto é, do meio de expressões e de conhecimento, tecnicamente superior aos meios possuídos pela média da população escolar dos seis aos doze anos. (GRAMSCI, 1988, p.122-123).

(...).

A questão é complexa. Por certo, a criança de uma família tradicional de intelectuais supera mais facilmente o processo de adaptação psicofísico; quando entra na classe pela primeira vez possui uma orientação já adquirida por hábitos familiares: concentra a atenção com mais facilidade, pois tem o hábito da contenção física etc. Do mesmo modo, o filho de um operário urbano sofre menos quando entra na fábrica do que um filho de camponês ou do que um jovem camponês já desenvolvido pela vida rural. Também o regime alimentar tem importância etc., etc. Eis porque muitas pessoas do povo pensam que, nas dificuldades do estudo, exista um “truque” contra elas (quando não pensam que são estúpidos por natureza): veem o senhor (e para muitos, especialmente no campo, senhor quer dizer intelectual) realizar com desenvoltura e aparente facilidade o trabalho que custa aos seus filhos lágrimas e sangue, e pensam que exista algum “truque”. Numa nova situação, estas questões, podem se tornar muito ásperas e será preciso resistir a tendência a tornar fácil o que não pode sê-lo sem ser desnaturado. Se se quiser criar uma nova camada de intelectuais, chegando às mais altas especializações, própria de um grupo social que tradicionalmente não desenvolveu aptidões adequadas, será preciso superar dificuldades inauditas. (GRAMSCI, 1988, p.139)

É notório que as relações parentais, ou seja, o arcabouço cultural de cada sociedade importa no percurso escolar do estudante, dando a ele facilidades ou não. Por outro lado, nada impede de se ter um intelectual em uma escola onde o Estado propicia a todos as mesmas oportunidades, tendo um professor amigável que facilite o processo, mas entendendo que o estudo é “um trabalho, e muito fatigante [...] é um processo de adaptação, é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e mesmo sofrimento” (GRAMSCI, 1988, p.139). Dessa forma, a educação se torna possível a todos que queiram enfrentar a fadiga desse trabalho, que não é manual e sim intelectual. Para que esta Escola Unitária funcione, é necessário cumprir uma organização, que chamaremos de currículo para entendimento facilitado, ainda que Gramsci não utilize essa terminologia, o autor salienta que a escola unitária

deveria corresponder ao período representado hoje pelas escolas primárias e médias, reorganizadas não somente no que diz respeito ao conteúdo e ao método de ensino, como também no que toca à disposição dos vários graus da carreira escolar. O primeiro grau elementar não deveria ultrapassar três-quatro anos e, ao lado do ensino das primeiras noções “instrumentais” da instrução (ler, escrever, fazer contas, geografia, história), deveria desenvolver notadamente a parte relativa aos “direitos e deveres”, atualmente negligenciada, isto é, as primeiras noções do Estado e da sociedade, como elementos primordiais de uma nova concepção do mundo que entra em luta





contra as concepções determinadas pelos diversos ambientes sociais tradicionais, ou seja, contra as concepções que poderíamos chamar de folclóricas. O problema didático a resolver é o de temperar e fecundar a orientação dogmática que não pode deixar de existir nestes primeiros anos. O resto do curso não deveria durar mais de seis anos, de modo que, aos quinze-dezesseis anos, dever-se-ia poder concluir todos os graus da escola unitária (GRAMSCI, 1988, p.122).

Para que esse complexo currículo (com tantos pormenores e especificidades, e grande grau de dificuldade, pensado para a formação de um intelectual ativo e crítico) seja posto em prática é precípuo que o tempo na escola seja favorável a isto. Desse modo, Gramsci propõe que o tempo seja organizado para contemplar essa formação. De fato, a escola unitária deveria ser organizada como colégio, com “vida coletiva diurna e noturna”; a dizer, a escola unitária precisa funcionar em tempo integral, mesmo que essa nomenclatura não seja utilizada por Gramsci. Nesse sentido, utilizando-se de todo o dia com estudos norteados pelo currículo supracitado, ora com grafitos individuais ora coletivos, com apoio de professores e dos melhores alunos, esses estudos conseguiriam formar cidadãos, criativos, com disciplina intelectual e com autonomia moral. Para isso, a escola deve ser ativa e nas palavras de Gramsci “toda escola unitária é ativa”, sendo assim, o investimento do Estado deveria ser em escolas nesses moldes.

Pode-se dizer que o advento da escola unitária significa o início de novas relações entre o trabalho intelectual e trabalho industrial, não apenas na escola, mas em toda a vida social (o que retoma o que Gramsci diz acerca da necessidade de se formar para a vida, de sorte que o estudante construa e desenvolva sua capacidade de pensar e discernir as soluções das problemáticas da vida, até porque o fato de que a escola tenha se separado da vida determinou a crise da escola. O princípio unitário, por isso, refletir-se-á em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo) (GRAMSCI, 1988, p.125).

Diante dessa proposta, era necessário que se tivesse um quadro docente comprometido com esse novo projeto, que entendesse que o discente aprende graças a um esforço espontâneo e autônomo, no qual o professor exerce apenas uma função de “guia amigável” (GRAMSCI, 1988, p.124). Nessa mesma linha de pensamento, “o corpo docente, particularmente, deveria ser aumentado, pois a eficiência da escola é muito maior quando a relação entre professor e aluno é menor” “Além do mais: mesmo os métodos mais fascinantes tornam-se inúteis quando falta o pessoal capaz de vivificá-



los em cada momento da vida escolar e extra-escolar, e você sabe que justamente os melhores tipos de escola fracassaram por causa das deficiências dos professores” (GRAMSCI, 1965, p. 534-535).

O primeiro exemplo de intelectual que Gramsci apresenta é o empresário capitalista que cria para si o técnico industrial e, ao mesmo tempo, o especialista em economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo sistema jurídico. O empresário representa um nível mais avançado da organização social, caracterizado por certa capacidade gerencial e técnica, isto é, intelectual. Essa é a definição de Gramsci para os intelectuais orgânicos: aqueles que possuem ao mesmo tempo função técnica e política.

Gramsci propõe que os estudos devem ser levados a diante e para isso deve-se levar em conta a tendência em desenvolvimento, segundo a qual cada atividade prática tende a criar para si uma escola especializada própria, do mesmo modo que cada atividade intelectual tende a criar círculos próprios de cultura, que assumem a função de instituições pós-escolares especializadas em organizar as condições nas quais seja possível manter-se a par dos progressos que ocorrem no ramo científico próprio.

No Caderno 12, Gramsci aborda especificamente a educação. Trata-se de uma longa monografia, na qual o comunista siciliano incorporou vários textos tomados de outros cadernos e, em parte, reescritos. Sua mensagem é clara:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentânea dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”, e não somente um simples orador (...); desde a técnica-como-trabalho passa-se à técnica-como-ciência e à concepção humanista da história, sem a qual se permanece “especialista” e não se passa à categoria de “dirigente” (especialista e político) (GRAMSCI, 1975, p.1551).

É precípua denunciar o caráter ideológico da dualidade entre o ensino clássico e o ensino técnico, visto que reflete a divisão social entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Essa separação oculta a divisão real que existe entre as funções “diretivas” e “subalternas” da sociedade, independentemente do fato de que o trabalho realizado por um grupo de pessoas, e que o caracteriza, se chame intelectual ou manual. Com relação à educação, Gramsci considera que, no mundo moderno, a educação técnica, intimamente ligada ao trabalho industrial, deve constituir a base do novo tipo de intelectual. Isso implica construir uma educação para todos e fortalecer o vínculo entre a escola e o trabalho, bem como a educação técnica e a educação humanista.



No pensamento gramsciano sobre a educação, um dos temas mais recorrentes consiste na relação entre espontaneidade e conformidade. Gramsci se ocupa desta relação, seja na análise da passagem da filosofia para a consciência crítica, seja em suas notas sobre a escola, a educação e a educação ativa.

Uma análise sobre a conformidade se encontra no Caderno 22, que trata do americanismo e do fordismo. A nova organização taylorista do trabalho havia criado, pela primeira vez na história, uma massificação radical do homem que trabalha. Gramsci parece considerar este processo como um passo adiante no caminho que leva ao novo tipo de homem, abandonando a condição primitiva, inclusive animal, da espécie humana.

Para Gramsci, o termo conformismo não significa a tendência de uma pessoa em deixar-se dirigir e condicionar pela moda; antes, é uma categoria para interpretar o processo pelo qual a maioria da população, em qualquer sociedade, costuma respeitar a tradição e observar suas regras. Nas palavras de Gramsci,

Conformismo não significa outra coisa que a “socialização”, porém prefiro utilizar a palavra conformismo exatamente porque incomoda os imbecis. [...] É muito fácil sermos originais limitando-nos simplesmente a fazer o contrário do que fazem os demais. [...] O que realmente é muito difícil e árduo, é priorizar a disciplina e a sociabilidade e, portanto, exigir sinceridade, espontaneidade, originalidade e personalidade (GRAMSCI, 1975, p.1720)

Em suma, na concepção de Gramsci, o problema da educação consiste em ter consciência dos diferentes tipos de conformismo, ou seja, de socialização, que são propostos ou impostos em uma determinada sociedade e lutar para priorizar um tipo ao invés de outro. A educação unitária, nesse sentido, deve prezar pelo desenvolvimento crítico e autônomo dos jovens. Só assim o indivíduo poderá refletir a sociedade na qual está inserido e atuar sobre ela. Por conseguinte, a função da educação é cultivar o intelecto independente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Inicialmente, foram relacionados alguns aspectos biográficos de Gramsci com sua militância política, não sendo possível separá-los, visto que ambos ocorreram articulada e simultaneamente. Em seguida, foram apresentados os principais temas político-pedagógicos discutidos por Gramsci, cabendo destaque para a formação dos intelectuais, a escola única e o trabalho como princípio educativo.



Para Gramsci, a escola luta contra o folclore (ou seja, a visão acrítica e o senso comum), a fim de difundir uma concepção mais elaborada e científica. O trabalho (uma dialética entre teoria e prática) consiste em um princípio educativo à escola elementar, em que as ciências e as leis são fundamentais à aprendizagem e ao desenvolvimento coletivo.

Em suma, a importância de convocar o pensamento de Gramsci se deve ao fato de seus escritos e suas atividades terem contribuído significativamente para o desenvolvimento da cultura e da educação. Além disso, Gramsci realizou uma análise crítica da história, sobretudo, no tocante à formação dos intelectuais e ao ideário pedagógico, pois escreveu na prisão o texto mais importante já produzido sobre a função educativa e política dos intelectuais.

Enfim, em meio a uma sociedade pandêmica, em que as diferenças sociais têm sido ainda mais evidenciadas, cabe a nós, educadores, pensar e contribuir na construção de uma educação que seja unitária, porque crítica e, sobretudo emancipadora. Gramsci nos indicou um caminho!

## REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4º edição. São Paulo: Atlas, 2006.

GRAMSCI, A. A organização da cultura. In.: **Os intelectuais e a organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

\_\_\_\_\_. **Cartas do cárcere**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere**. Torino: Edição Einaudi, 1975.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana: Recife, 2010.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. São Paulo: Cortez, 2010.